

Vista das caldeiras do Valle das Furnas na ilha de S. Miguel — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

É sestro nosso conhecermos mais coisas peregrinas que domesticas. Vencemos com menos repugnancia o dispendio e incommodos de grandes jornadas em territorio estrangeiro, do que penas menores de mais breves excursões a que nos convidam monumentos da natureza ou da arte na terra patria. São mais os nossos *turistas*, que se aventuram a sulcar o Oceano para ver a cathedral de S. Paulo, ou a Torre de Londres, que os que se mettem na estrada coimbrã e passam duas horas no mosteiro da Batalha: são mais os que viram e exaltaram as thermas de Spá, de Bade, e de Wisbade, que os que se demoraram nas Caldas da Rainha, ou gozaram do espectaculo verdadeiramente maravilhoso das caldeiras do pittoresco e amenissimo valle das Furnas, na florescente ilha de S. Miguel, a quatro dias de viagem do continente n'uma carreira regular de bons vapores!

E para ver se despertámos a curiosidade dos amadores das grandes scenas da natureza, que reproduzimos hoje em gravura, a vista da parte do valle açoriano que encerra as afamadas aguas mineraes.

Agora algumas palavras ácerca da sua historia, e justo fundamento de celebridade.

O valle das Furnas está situado na parte oriental e interior da ilha de S. Miguel, coisa de uma legoa distante da povoação e porto da Ribeira-quente na costa do sul, e nove legoas ao nordeste da cidade de Ponta-delgada, capital da ilha. Cerca-o uma cadêa de montanhas n'um circuito de tres legoas, só cortada por uma estreita garganta, que dá escoante ás aguas que, abundantemente, nascem no valle e vão perder-se no mar da costa do sul.

Até principios do seculo XVI não havia no valle mais que bosques de basto arvoredo, e boas madeiras que se extinguiram, cortadas sem discrição, e consumidas na reedificação de villa Franca do Campo, destruida pela subversão de 1522. Só muitos annos depois é que acudiram áquella destruição, com sementeiras e replantações, que tem concorrido a embellezar muitos dos pontos do valle, mas que ainda assim estão longe de attingir o que fôra para desejar no interesse artistico da paizagem, e no economico dos proprios habitantes.

Em 1577 é que se abriram communicações ordinarias das povoações exteriores para o interior das Furnas. As tres veredas que desde então facilitaram essa communicação, chamaram gado áquellas pastagens. As primeiras choças que alli houve foram as que, para seu abrigo, levantaram os pastores. Foi por estes tempos que João de Torres fundou ao pé das caldeiras uma pequena fabrica de pedra-hume. Chegou a fabricar uns 580 quintaes; mas abandonou a empreza por lhe não dar lucro.

Só em 1613 é que o donatario da ilha, conde da Ribeira-grande, D. Manuel da Camara, segundo do nome, mandou construir alli uma pequena casa, onde, nos mezes de verão, ia desenfadar-se. Cêrca d'ella levantou uma ermidinha dedicada a Nossa Senhora da Consolação, e contigua outra casinha, para onde foi morar um devoto seu domestico, que servia de sacristão, e accendia diariamente a lampada da ermida. A uns eremitas, que de Lisboa para alli foram em 1614, deu o conde um quarto da sua casa, e no anno seguinte lhes permittiu construirem umas casas de taipa e grutas contiguas á ermida. Isto, e um conventinho, que depois chegaram a fundar, foi destruido pela espantosa erupção que no mesmo valle occorreu em 1630, e que o deixou por muito tempo deserto.

Os jesuitas que alli possuiam terrenos foram os primeiros que depois tomaram a iniciativa no seu arroteamento e plantação. Estabeleceram lá residencia e uma ermidinha ou oratorio de Nossa Senhora da Alegria. Pessoas abastadas seguiram o exemplo dos padres, e das povoações circumvisinhas attrahiram para o sitio moradores.

A população do valle cresceu no começo vagarosamente: em 1706 apenas constava de 74 habitantes: hoje tem cêrca de 1500 almas. A sua primeira producção agricola foi mel e cera: agora dá cereaes, legumes, etc. As orlas dos terrenos alagadiços abundam em inhames, que constituem parte importante do alimento da povoação, e são de excellente qualidade, sobretudo os regados pelas aguas thermaes.

Até 1630, pertenceram os habitantes das Furnas á freguezia da Ponta-garça: d'ahi, até 1706, á da Maia: de 1707 a 1760, á Lomba da Maia: depois d'esta epocha, que foi a da expulsão dos jesuitas, se instituiu curato na ermida da Alegria, que fôra d'elles.

Pelos annos de 1745 tinha o padre Cosme de Pimentel levantado em logar mais central do mesmo valle outra ermida, da invocação de Santa Anna. Pelas damnificações que o tempo fizera na ermida da Alegria, passaram o curato para a de Santa Anna, que em 1792, á custa de esmolas e donativos, converteram em mais espaçosa egreja, que é a actual, e assenta no mesmo logar em que estivera o conventinho dos eremitas. Ainda na rocha por detraz d'ella se vêem algumas das grutas a que elles se recolhiam. A ermida da Alegria inda existia em ruinas em 1811, anno em que foi interdicta pelo bispo de Angra, D. José Pegado. Agora não ha d'ella nem vestigios.

O valle das Furnas tem n'este seculo progredido consideravelmente. A affluencia de nacionaes e estrangeiros que alli vão na estação calmosa, a seducção de tantas sombras amenas, o doce murmurio de tantas fontes e ribeiras, a suave temperatura e efficacia de tantos banhos, a variedade de tantos passeios, o encanto de tantas vistas que se descobrem das suas eminencias, tem sido parte para alguns dos melhoramentos materiaes, que o logar accusa. As estradas no interior do valle, e as que a elle conduzem tem-se melhorado: já este anno se pôde ir em carruagem por uma estrada ordinaria de Ponta-Delgada ao cimo do valle.

É digna de ser lida a descripção que d'este logar fez o bem conhecido poeta açoriano José Augusto Cabral de Mello, no seguinte soneto.

«Entre elevados, mas formosos montes,
Que a natureza com primor formára,
Jubiloso o mortal um plano encara,
D'arvores fertil, com perennes fontes.

«Além, onde recusam os Ethontes
Levar o numen, que o universo aclara,
Entre fumo e fragor recua e pára,
Cuidando a estancia ser dos negros Brontes.

«Oh! da immensa Vontade, immenso arcano!
D'estes horrores, fausta lympha corre,
Que frustra á Parca dira o ferreo damno.

«Mas oh! se a vida a lympha lhe soccorre,
N'um verde, ameno bosque, o triste humano,
A par das Graças, de desejos morre!»

O assento principal da povoação das Furnas é, proximamente, no meio do valle: n'uma das extremidades ficam as caldeiras, admiraveis respiradouros volcanicos, que a nossa gravura representa; e na outra uma grande lagoa, cujas regatas são tambem um recreio para os visitantes.

Nas caldeiras, as fontes surgem por todos os lados. Aqui saltam limpidas; acolá lodosas; estas correm frias e mansamente, deixando na sua passagem sedimento, que denuncia os sáes e gazes de que estão impregnadas; aquellas transformam-se em vapor e em nuvens de fumo que cobrem a atmosphera. Além das nascentes mais consideraveis de aguas quentes, por quasi toda a parte, e mesmo pelas margens da ribeira, borbulham pequenos olhos das mesmas aguas. Ha orificios em que a agua não chega liquida á superficie do terreno, mas sim em vapores aquosos, e de enxofre sublimado que cristallisa pelas bordas. N'um d'elles ouve-se o som das aguas que se debatem violentamente nas cavidades subterraneas; n'outros os vaporos surgem sibilantes, e repuxam com força para a atmosphera. As maiores emissões de vapores são acompanhadas de som rouco e magestoso, que parte de grande profundidade no interior da terra. É impraticavel inclinar a cabeça sobre taes aberturas, porque a columna de vapor quentissimo que exhalam escalda cruelmente. A temperatura das aguas quentes e do terreno adjacente, a pequena profundidade, é sensivelmente de 97.º centigr. Ao lado d'ellas apparecem nascentes d'aguas gazosas, na temperatura constante de 17º. N'uma d'esta classe, chamada *azeda*, predominam o carbonato e o hydro-chlorato de soda. Nas da primeira, de elevada temperatura, ora predominam o sub-carbonato e o hydro-chlorato de soda, ora o acido carbonico livre e o carbonato de soda.

As virtudes medicinaes das aguas mineraes do valle das Furnas foram, desde o principio d'aquella povoação, conhecidas e apregoadas; mas até 1792 não havia casas de banhos, e as pessoas que iam usar d'elles construiam, proximas das nascentes, choças de ramos, e enterravam no solo grandes caixas de madeira, á guisa de banheiras. D'aquelle anno datam as casas de banhos, propriamente ditas, que se tem edificado, algumas das quaes apparecem no quadro que a nossa gravura representa.

As aguas das Furnas foram analysadas chimicamente em 1785, por Ignacio Tamagnini; e em 1791, por Gurlay. Os professores Graham, Dunn e Turner, tambem as estudaram. Em 1825 examinou-as Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque, e depois o dr. Bullar, etc.

Nas Furnas ha já bellas habitações dos mais abastados proprietarios da ilha; e, ha alguns annos, um hospital para os doentes pobres que lá vão a uso de banhos.

JOSÉ DE TORRES

CONTOS DE CÔR DE ROSA

(Conta-os o auctor a sua mulher)

(Vid. pag. 214)

A RESURREIÇÃO DA ALMA

VII

Ao alvorecer do dia seguinte, uma nevoa mui espessa toldava as cumiadas do occidente; porém do oriente appareceu o sol, e torrentes de luz se derramaram pelos montes e desfizeram a nevoa. Dia mais formoso nunca brilhára nas Encartações; só podia egualar-se ao em que seus valentes filhos anniquilaram as legiões romanas, cuja perda havia de chorar Augusto «solta a barba e o cabello, dando cabeçadas contra as portas», como diz o bom do Suetonio.

Comtudo, Santiago nem sequer chegára á janella, para ver um diamante em cada folha ou flor, onde a aurora tivesse depositado uma lagrima.

Foram correndo todos os dias da semana, formosos todos elles, menos para Catalina, até que chegou o domingo.

Os sinos da egreja parochial do valle tocavam á missa das almas.

— Santiago! — disse affectuosamente Catalina ao indiatico; se a minha voz não conseguiu arrancar-te d'esta clausura onde te finas, que o consiga a voz de Deus. Ouves os sinos, meu irmão? É a voz do Senhor que nos chama a orar e chorar sobre a sepultura de nossos paes.

Catalina, orações sem lagrimas não podem chegar a Deus, e dos meus olhos já não brotam lagrimas. Deixa que se extinga aqui o debil sôpro de vida que me resta!...

— Não, por Deus, meu irmão! Sabes quaes foram as ultimas palavras que pronunciou tua mãe, cuja amizade te era conhecida, tua mãe, que se finou quando n'ella morreu a esperança de tornar a ver-te? «Catalina, minha filha, se tornares a ver o filho das minhas entranhas, dize-lhe que o ultimo desejo de sua mãe é que viva e morra amando a Deus, como viveram e morreram seus paes!»

Ouvindo estas palavras, Santiago levantou-se da cadeira em que estava prostrado, e exclamou:

— Minha irmã! cumpra-se a vontade de minha mãe e a de Deus!

Catalina juntou as mãos, e ergueu ao ceo, em acção de graças, os seus purissimos olhos inundados de pranto.

Instantes depois, tomava Santiago a estrada que descia ao valle, e chegou ao campo da egreja quando soava o segundo toque da missa.

Grande numero de habitantes do concelho estavam reunidos no adro da egreja, e todos se aproximaram a saudar o indiatico, lamentando o triste estado em que tornavam a ver aquelle rapaz, ao qual tão vigoroso e feliz conheceram havia onze annos.

Nem a gratidão, nem a alegria, nem a curiosidade fez, n'aquelle instante, abandonar ao coração de Santiago a regelada indifferença, que chegára a ser n'elle o estado normal. Aquelles rostos que annunciavam almas sempre tranquillas e juvenis, nada diziam ao moço velho de Ipenza!

Santiago penetrou na egreja, no momento em que soava o terceiro toque, e o parocho, que derramára na sua fronte a agua santa do baptismo, vinha celebrar o santo sacrificio da missa.

Atravessando o sagrado cruzeiro, e dirigindo alternativamente a vista para o sacerdote e para a lousa que cobria o sepulchro de seus paes, os olhos de Santiago brilharam de alegria. Acabava de convencer-se de que seu coração não estava ainda completamente morto para o sentimento!

Dobrou o joelho sobre a sepultura de sua mãe, e principiou a orar sentindo um prazer inexplicavel.

— Minha mãe! — murmurou Santiago — tu que na terra foste para commigo benevola e carinhosa, olha do ceo a minha desventura, e pede ao Omnipotente que me cubra com o manto da sua misericordia, ainda que seja indigno d'isso. Pede-Lhe, minha abençoada mãe, que me dê olhos para chorar, e coração para sentir!...

Ao pronunciar estas palavras, Santiago não pôde conter um grito de alegria: batia-lhe o coração, e saltava-lhe dos olhos uma lagrima. A alma começava a resuscitar. Á voz do Senhor, o inerte coração de Lazaro começava a animar-se.

Santiago apoiou a fronte na lousa sepulchral, e grossas lagrimas lhe rebentavam dos olhos.

Terminada a missa, saíu do templo com o coração satisfeito; a gratidão e a curiosidade substituiram a indifferença, e demoraram-n'o para saudar as pessoas que encontrava na passagem, e observar as alterações que o correr do tempo operára n'aquelles homens, aos quaes, na occasião de expatriar-se, deixára meninos; e n'aquelles anciãos que deixára moços.

Para voltar a Ipenza, tinha que subir comprida ladeira, que descêra com muito custo. Não se acovardou. «Sentar-me-hei, disse, quando me sinta cansado.» Com grande alvoroço, porém, encontrou-se em breve tempo no nogueiral de Ipenza, sem ter sentido fadiga, apesar da sua extrema debilidade. É porque as lagrimas de ternura dão o mesmo vigor á alma lacerada, que o orvalho ás plantas.

Catalina, que esperava a sua volta na janella, com o coração cheio de angustiosa incerteza, saiu-lhe ao encontro.

As faces de Santiago, d'antes pallidas como a cera, estavam então rosadas, como se o sangue affluisse de repente para lhes dar calor e vida.

— Catalina! — exclamou Santiago balbuciando de prazer — chorei e senti! Não está ainda morta a minha alma!...

Catalina soltou um grito de intima alegria, e precipitou-se nos braços que lhe abria seu irmão.

N'aquelle dia sentou-se o indiatico á mesa sem a invencivel repugnancia que sentíra havia muito, e achou não de todo desagradaveis as viandas, o vinho e as frutas do paiz, que até então Catalina não conseguíra fazer-lhe provar.

O dia seguinte amanheceu tambem formosissimo. Porém a tristeza e o silencio da noite pareciam ter de novo trazido a Santiago a indifferença e o abatimento que a ingenua Catalina esperava curar.

Debalde se esforçava a joven por fazel-o abandonar a habitação em que tornára a encerrar-se. Vendo que eram inuteis reflexões e supplicas, Catalina retirou-se chorando do quarto de Santiago; porém, este ao vêr aquellas lagrimas, sentiu-se dominado pela compaixão, e decidiu-se a enxugal-as, accedendo ao desejo da que tanto se interessava na sua felicidade.

— Catalina! — disse elle a sua irmã — não chores, que muito se tem chorado por mim n'este mundo. Que desejas, então?

— Que deixes o encerro em que vives e que te mata, que sáias a gozar o sol de Deus que te ha de dar animo e alento — respondeu Catalina chorando ainda, mas de alegria.

Santiago saíu, com effeito.

D'entre as cerejeiras e nogueiraes se exhalava um suavissimo perfume.

Santiago esteve largo espaço enlevado na contemplação d'aquellas arvores, retemperando a alma só

com a lembrança da ventura que á sombra d'ellas gozára n'outro tempo.

Passado o nogueiral, n'uma fresca planicie, sombreada por gigantes castanheiros, estava a fonte que abastecia de agua os moradores de Ipenza.

Santiago parou ao lado d'aquella fonte; engolfado em suas recordações, applicou os labios com deleite á telha que servia de conductor ao perenne manancial, colheu na mão uma gotta de agua, e com ella refrescou o rosto. Até esteve tentado a divertir-se, como n'outro tempo, com o arroio que serpenteava pelo vallesinho abaixo.

Seguiu, porém, o caminho, e parou n'uma clareira, da qual se divisava uma casa e as herdades que a cercavam.

Ouvindo nas immediações umas alegres vozes, parou e escutou attentamente. Quatro criancinhas divertiam-se alli ao pé, e altercavam sobre os seus brinquedos.

Santiago ouviu-os com gosto, porém não com o encanto com que os ouvirias tu, alma da minha alma, porque o teu coração juvenil, crente e puro, folga com as puerilidades.

Santiago deu um assobio, e os meninos, levados pela curiosidade, correram á clareira. Quando se viram em frente de um cavalheiro, pararam enleiados.

—Rapazes, —disse um d'elles em voz baixa a seus companheiros— é o indiatico de Ipenza que, segundo conta meu pae, não tem alma, porque lhe morreu.

—Ah!...

—Vinde para ao pé de mim, —interrompeu Santiago em tom benevolo aos meninos, que, com effeito, se aproximaram d'elle— Filhos de quem sois, e o que fazeis?

Os meninos responderam balbuciantes. Todos tinham gazeado. Allegando uns que os paes lhes não podiam comprar os livros necessarios; e outros lamentando a pobreza de seus vestidos, com os quaes não queriam mandal-os á aula por indecentes.

—Está bom, —acudiu Santiago— dizei a vossas mães que vão esta tarde a Ipenza.

Santiago, com o coração cada vez mais livre e a respiração mais facil, continuou o seu passeio em direitura á casa que se descobria da clareira, e saltando com trabalho um vallado metteu-se pelas herdades que a precediam.

Os da casa estavam preparando a boroa. Vendo o indiatico, os homens descobriram-se, e todos o comprimentaram affectuosamente.

Santiago notou que estavam tristes, e perguntou-lhes a razão.

—Penhoraram a nossa junta de bois, —respondeu Ignacio, o chefe da familia, que era ancião bom e honrado— e ficámos perdidos, porque com ella nos arranjavamos menos mal, e agora teremos que servir-nos dos braços, com o que não podemos.

—E não se reconciliarão com o senhorio?

—Não, sr. Santiago.

—Mas não ha nenhuma junta á venda?

—O sr. alcaide tem uma: o que falta é o dinheiro.

—Pois comprae-a ao sr. alcaide, que vol-a offereço. Ide compral-a.

E Santiago apertou a mão do velho, deixando n'ella oito peças de oiro como oito soes.

Contar as lagrimas de alegria que derramou aquella honrada familia, e as bençãos do ceo que ella liberalisou ao indiatico, é mais difficil que contar as estrellas do ceo.

Era já meio dia. Santiago regressou a Ipenza, porque... tinha vontade de comer! e, sobretudo, queria que alguem participasse da alegria que lhe trasbordava do coração.

Quando chegou ao nogueiral viu o cão Navarro, descançando á sombra; chamou-o e acariciou-o.

Santiago comeu e bebeu com grande appetite; porém Catalina não pôde comer de alegria.

Ao cair da tarde chegaram a Ipenza, acompanhados de suas mães, os meninos com os quaes Santiago fallára de manhã.

—Olá, rapazes! —disse este ás crianças.— É necessario que de ámanhã por diante vão á eschola todos os dias; e cuidado com os gazeios, que eu tenho quem me avise de tudo.

Os meninos murmuram entre si, e Santiago continuou:

—Todos os domingos, depois da missa do dia, aqui estarei sentado com um cesto de fruta a um lado, e um sacco de dinheiro a outro. Cada premio da aula, que vós ou os vossos companheiros me apresentardes, fará jus a outro premio que lhes darei, e o mais premiado de todos levará, além d'isso, o cesto da fruta. Para visitar os ricos como eu, é preciso vestirem-se de gala, e vestir-se-hão, porque vossas mães se encarregarão de fazer-vos o fato. Para que a algibeira não desdiga do fato, é preciso que esteja forrada de cobre, e eu vou dar-vos com que a forreis.

Fallando assim, Santiago deu uma peça de oiro a cada uma das mulheres, e um punhado de moedas de cobre a cada um dos meninos.

As mulheres choravam de alegria, e as crianças saltavam de contentamento.

Apenas terminára esta pathetica scena, Santiago ouviu um homem cantar na estrada que desembocava em o nogueiral. Era o velho Ignacio, que subia já com a sua junta, e ia pol-a ás ordens de quem lh'a mandára comprar.

—Olá, Ignacio, parece-me que estamos de bom animo!— disse-lhe o indiatico, ao vel-o apparecer.

—Não diga nada, sr. Santiago, que não sei o que váe em mim. Se houvesse ahi um tamboril, dançaria uma roda, apesar dos meus annos. Aqui tem a junta que, para que a visse, passsei por este caminho. Bois mais valentes não os ha nas Encartações.

—Certo que a junta é boa.

—Disponha d'ella, sr. Santiago, e de mim, e de minha mulher e filhos, e de todos, que lhe daremos as nossas cabeças, porque o sr. Santiago é nosso pae e protector.

—Muito agradecido, Ignacio; porém não ha motivo para tanto. Vá-se com Deus, que a noite chegou e os caminhos são maus.

—É verdade. Fique na paz do Senhor, e muitos recados a Catalina, que vale mais oiro do que pesa. Ai que par que fariam os dois... Perdoe-me, sr. Santiago, se disse alguma das minhas, porque hoje, que estou tão satisfeito com este meu, não sei fallar senão de pares!

O bom do ancião, a quem a excessiva alegria arrancava do seu serio, continuou o caminho a cantar.

N'aquella noite succedeu a Santiago o que não lhe succedia havia muitos annos; levou toda a noite n'um somno, e sonhou que todos os habitantes do valle juravam e tornavam a jurar que, se elle quizesse, dar-lhe-hiam as suas cabeças.

(Conclue)

O CÃO DA TERRA NOVA

« Quem tem medo compra um cão. » N'este nosso proverbio está feita a apologia do cão domestico.

Pela vigilancia, intrepidez e fidelidade d'este animal, tem o homem assaz mantida a segurança pessoal, e a da sua propriedade. Fóra das cidades, os

cães, mal comparado, são a guarda municipal, e os cabos de segurança das povoações.

E, comtudo, a raça canina tem um grande vicio de origem.

O cão e o lobo, o amigo e o inimigo do homem, são da mesma familia, e parentes mui chegados.

Quem tal dirá?

Um vil e feroz, o outro magnanimo e pacifico; um devorando a preza, o outro depondo-a intacta aos pés do caçador; em fim, os dois animaes de que os proverbios fizeram duas electricidades hostis, os classificadores zoologicos fazem dois parentes!

Buffon, que tão finamente escreveu a historia natural e moral do cão, fez tambem o antithetico parallelo d'elle com o lobo.

E não só tem o cão o labéo de ser primo co-irmão do lobo, mas conta entre os seus parentes pobres a raposa, manhosa ladra dos animaes domesticos; o chacal, ladrão cadimo dos mattos, e a hyena, asquerosa fosseira dos cadaveres sepultados.

Todos estes bichos são da familia dos carniceiros, e da tribu ou grupo dos digitigrados, isto é, dos que assentam a planta do pé no chão quando andam. Tem 42 dentes, 5 dedos nos pés de diante, e 4 nos detrás, e as unhas em fórma de garras. Só variam no pello, mas, como é sabido, o habito não faz o monge.

A grande questão, porém, ainda indecisa, é esta: O cão é um lobo civilisado? O lobo é o javali do cão?

Qualquer que seja o voto dos naturalistas, deve-se confessar, por fazer justiça aos cães, que se elles, desgraçadamente, são parentes do salteador dos campos, não descendem de certo do mesmo pae.



Cão da Terra Nova

O instincto da sociabilidade não se adquire nem se extingue. Cuvier provou que o cão primitivo, o cão selvagem, deveu possuir em alto gráo a qualidade de ser o nosso mais util amigo. O chacal é domesticavel, sensivel ás caricias; a maior parte dos animaes se podem tornar obedientes ao homem, porém o cão é um verdadeiro *factotum*, tem prestimo para tudo.

Quando se compara o lobo ao cão, é evidente que este ultimo, nas suas infinitas variedades, é um animal facticio. Mastins, dogos, sabujos, que são as tres grandes raças caninas, possuem multiplicadas fórmas, pellos e aptidões. Estas fórmas, pellos e aptidões são adequadas aos climas e aos misteres especiaes para que se destinam.

Citaremos entre os mastins, o cão de guarda, o rafeiro, o cão lobal, e o dinamarquez: os dois primeiros criados para funcções determinadas; os outros dois dotados do instincto da domesticidade e do luxo. Entre os dogos, o cão de fila, de cabeça grande, olhar estupido, bocca rasgada; depois o raposeiro, o rateiro, e outras variedades de gôsos. Entre os sabujos, o cão de agua excede a todos em intelligencia e affeição a seus donos; é entre êlles que ha bons jogadores de dominó: os cães de cego, e outros de que ha infinitas historias da fidelidade e amor a seus donos.

Devem-se tambem citar entre os sabujos, os galgos, os perdigueiros, os cães de parar, e todos os de caça, cujos nomes são innumeraveis. E deixando de mencionar muitos cãesinhos de luxo ou fraldeiros, mencionaremos só o cão da Terra-Nova, amphibio utilissimo ao homem, e que o salva mais por vocação que por sympathia.

É este o que representa a nossa estampa.

Nativo de uma ilha descoberta pelos nossos argonautas, o cão da Terra Nova é o mais philanthropico de todos os animaes, e muitos d'elles trazem a coleira coberta de medalhas de salvação, como os seus afins, os cenobitas do monte de S. Bernardo, por-

que tem salvado muita gente enterrada nos gelos, ou caida nas ondas do mar.

Bem resgatados estão os trabalhos e vidas que nos custaram o descobrimento da Terra Nova, com darem a conhecer ao mundo um animal cuja vocação é salvar os naufragantes, pela sua astucia, possança e intrepidez.

VIAGENS AO MAR GLACIAL ARCTICO

(Vid. pag. 217)

II

A pag. 49 do vol. I d'este jornal, deu o nosso illustrado collaborador F. M. Bordalo, ampla noticia das viagens de sir John Franklin ao polo arctico, e da catastrophe da sua ultima expedição. Ahi estão compendiadas todas as tormentosas navegações do nauta inglez, com aquelle brio e condoimento de quem já passára por eguaes trances, quaes os que das suas viagens nos tem referido o distincto official de marinha portugueza.

No cabo do seu artigo, escripto em 1857, noticia o sr. Bordalo a partida de mais um navio, por conta de lady Franklin, esposa do infeliz viajante, com o fim de insistir nas pesquizas, tantas vezes mallogradas, para obter a certeza da morte de Franklin e seus camaradas.

Esta expedição foi confiada ao capitão Clintock, o qual depois de uma perigosissima viagem de dois annos pelos gelos do norte, no mar e na terra, conseguiu, finalmente, realisar a audaciosa empreza de revelar á anxiedade publica de todas as nações civilisadas, o tragico fim d'aquelle desventurado descobridor.

Do extenso diario que de toda a sua viagem publicou, já no presente anno, o capitão Clintock, vamos nós dar um resumido extracto, que sirva de complemento á biographia de Francklin, a qual os nossos leitores poderão de novo consultar, recorrendo á pag. 49 do citado vol. I.

Haviam já decorrido sete annos de baldados esforços, para se descobrir qual fôra a sorte de Franklin e seus companheiros, quando em setembro de 1854 chegou a Inglaterra o dr. Rae, annunciando que na primavera d'aquelle mesmo anno haviam dito os esquimaes da Boothia Felix, que uma partida de uns quarenta homens brancos tinha apparecido na costa occidental da ilha do rei Guilherme, dirigindo-se para a emboccadura do rio de Back, e que n'aquelle ponto tinham morrido de fome.

Pelo que depois se descobriu, parece que isto acontecêra na primavera de 1850, á vista das espingardas, relogios, candeias, e, sobre tudo, dos talheres com as armas e firmas dos officiaes do *Erebo* e do *Terror*, objectos que se compraram aos esquimaes, e foram trazidos para o museu da marinha de Londres.

O governo inglez tinha decretado que durante a primavera de 1855, uma expedição de lanchas percorresse o rio de Back, o que se effectuou. Porém, ainda que os vestigios, então descobertos nas margens d'aquelle rio, desde a sua emboccadura até ás primeiras catadupas, confirmassem que alguns individuos pertencentes á tripulação de Franklin haviam tocado n'aquelle ponto do continente, não se colheu nenhuma noticia, quer fosse documento, utensilio, ou informação verbal dos esquimaes.

A viuva Franklin, apesar de mais esta baldada tentativa, requereu ao governo, apoiada pelos amigos de seu marido, que se fizesse por mar nova expedição. Não obteve resposta senão em abril de 1857, e foi, que o governo, tendo a dolorosa convicção de que nem sequer uma vida já podia salvar d'aquelles viajantes, não se decidia a arriscar outras n'uma empreza de tantos perigos.

Não se desanimou lady Franklin (e pareceu adivinhar!) com esta repulsa, e desde logo tratou de organisar, á sua custa, outra expedição. Com as achegas de alguns amigos, conseguiu juntar a somma necessaria para as despezas, e a 18 de abril, oito dias logo depois da recusa do governo, foi offerecer o commando da expedição a M. Clintock, capitão da marinha real, que tinha já feito parte das tres antecedentes explorações ao polo arctico.

Acceitou elle o encargo, e tendo obtido licença do almirantado, poz lady Franklin á sua disposição um hiate de helice, do porte de 178 toneladas, denominado *Fox*, comprado expressamente para aquella viagem.

Tratou Clintock de compor a sua guarnição de gente experimentada. Dos 24 maritimos que elle escolheu, 17 tinham já servido nas antecedentes expedições arcticas. Nomeou segundo commandante ao tenente Hobson, tambem da marinha real, e terceiro official a Allen Young, capitão da marinha mercante. Ao dr. Walker foram commettidas as funcções de medico e naturalista da exploração, encarregando-se tambem dos apparelhos photographicos. Jorge Brands, engenheiro, tomou a direcção da machina de vapor; e, finalmente, o celebre interprete da lingua esquimal, Petersen, de Copenhague, bem conhecido por haver acompanhado o capitão Penny e o dr. Kane nas suas viagens, associou-se tambem a esta arriscada empreza.

Alem dos seis officiaes que nomeámos, a tripulação do *Fox* constava de 19 homens, que devia ser reforçada com os esquimaes da Groenlandia, para tratarem dos cães que puxam os trenós. Metteram mantimento para vinte e oito mezes, a maior parte conservas e cerveja da primeira qualidade. O governo inglez contribuiu tambem para a expedição, mandando que se dessem ao capitão Clintock todas as armas, machinas e polvora para romper os gelos; instrumentos astronomicos e hydrographicos; uma escolhida bibliotheca, e duzentas arrobas de *pemmican*, que é uma substancia mui nutritiva, inventada pelos caçadores canadienses, para as suas excursões no deserto. É composta de gordura e carne de vacca, secca e passada por uma prensa.

No dia 30 de junho foi lady Franklin a bordo entregar ao capitão Clintock uma bandeira, bordada pelas suas mãos, e despedir-se dos argonautas. No primeiro de julho de 1857 fez-se de vela o *Fox* para os mares polares.

Com todos os contratempos de taes viagens, chegou o *Fox* ao mar de Baffin, já quasi todo gelado, em 19 de agosto, onde teve que invernar 242 dias, esperando ensejo para fazer as suas expedições, ora por mar ora por terra.

Quando lhe pareceu opportuno, Clintock, depois de muitas investigações, dividiu a sua tripulação em dois destacamentos. Um commandado por elle, e o outro pelo tenente Hobson.

Deixando o seu vapor fundeado no porto de Kennedy, Clintock partiu para o polo magnetico.

Constava a caravana que o acompanhava de 12 homens, 17 cães e 5 trenós. Acamparam em diversas paragens, por causa dos gelos e do vento. Não obstante descer muitas vezes o thermometro a 35 gráos, o sol deslumbrava, e o reflexo que fazia sobre o gelo era insupportavel, de sorte que, apesar dos oculos verdes que os viajantes levavam, padeceram inflammação d'olhos; gretaram-lhe os beiços e as orelhas; as mãos cobriram-se-lhes de chagas; em summa, ficaram todos desfigurados.

Chegados ao estreito de Bellot, encontraram uma tribu de esquimaes, que andavam á caça do boi marinho; tinham construido nos gelos do mar as suas cabanas. Estes lhe deram informações da expedição de Franklin. Um d'elles confessou que os naturaes da ilha do rei Guilherme tinham visto os navios; que um d'elles tinha ido a pique, e o outro fôra arrojado pelo gêlo até á ribeira, onde se devia encontrar ainda, posto que inteiramente destroçado. D'este segundo navio provinha a maior parte da madeira que possuia a tribu; finalmente, disse que os indigenas tinham encontrado a bordo o cadaver de um homem de grande estatura e dentes compridos. Acrescentava que a perda dos navios succedêra nos fins do anno (agosto ou setembro), e que então os brancos tinham partido em uma ou duas lanchas na direcção do grande rio, em cujas margens foram encontrados os seus esqueletos no inverno seguinte.

Continuaram os exploradores a sua marcha até ao polo magnetico, onde o capitão Clintock fez algumas observações, de que resultou ficar quasi cego, durante dois dias. Proseguindo para o sul, encontraram um acampamento de selvagens, que teria uma dezena de choças. Era de noite, que durante ella caminhavam, para evitar os casos de cegueira, motivados pelo fulgor do gelo. Constava o acampamento de trinta ou quarenta esquimaes da ilha do rei Guilherme. Não os atemorisou o apparecimento dos viajantes, com os quaes logo trataram de trocar varios objectos que possuiam.

Clintock comprou-lhes seis colheres e garfos de prata, com as armas e firma de sir John Franklin, do capitão Crozier, e de outros officiaes, dando-lhes seis agulhas por cada peça.

Comprou-lhes tambem por outras ninherias alguns botões de uniforme da marinha ingleza, e os arcos e frechas que os selvagens tinham feito da madeira dos navios.

Com estas permutações se mostraram os esquimaes muitos obsequiosos, pacificos e alegres, porém não podiam resistir á tentação de furtar, e de vender tudo quanto possuiam.

Depois de muito instados pelo interprete, disseram finalmente estes homens, que d'alli a cinco jornadas, atravez da ilha do rei Guilherme, era o sitio onde estavam os restos do navio encalhado, já poucos, porque os seus compatriotas haviam levado d'elle tudo quanto podiam transportar. Disseram mais terse encontrado alguns livros, mas que a intemperie os havia destruido. Nenhum dos d'aquella tribu tinha ido no ultimo inverno ao sitio onde encalhára o navio; porém, uma velha e um rapaz, que se foram chamar, tinham alli estado no antecedente (1857-58). Petersen, o interprete, fez cautelosamente varias perguntas á velha, a qual disse, que alguns homens brancos tinham succumbido caminhando para o grão rio, sendo enterrados uns e outros não; que ella não os tinha encontrado na marcha, mas vira os cadaveres no inverno seguinte. Não poderam os viajantes obter informação a respeito do numero dos naufragados, nem do tempo decorrido desde a sua morte.

Tal foi o resultado d'esta inquirição, tanto mais difficil quanto os esquimaes, além da obscuridade da sua linguagem, são mais propensos a perguntar que a responder.

Com estas noticias partiu Clintock para a costa meridional da ilha do rei Guilherme. Caminhando elle pelo gêlo, avistou n'uma praia alguns fragmentos de panno. Aproximando-se, viu que eram restos do fato de um esqueleto humano, de todo esbranquiçado, ainda inteiro, excepto alguns ossos menores, separados ou roidos pelos animaes. Estava estendido de bruços.

Desembaraçado o terreno cuidadosamente, recolheram tudo o que acharam pertencente áquelle infeliz. Um pequeno livro que alli encontraram deu, a principio, algumas esperanças; porém, estava de todo gelado, de sorte que não se podia abrir sem se desfazer. Em resultado, o esqueleto parecia ser de um rapaz de estatura mais que mediana, e robusto; o trajo mostrava ser de criado; tinha a escova e pente comsigo, pelo que se inferiu não o haverem descoberto os esquimaes; do contrario não estariam alli aquelles objectos. Continuaram os exploradores seu caminho, não encontrando mais que algumas choças abandonadas, por ser aquelle o tempo em que os indigenas partem para a pesca do salmão e caça dos rangiferos. Porém, a doze milhas do cabo Herschell, descobriu Clintock uma pyramide,[1] recentemente construida, dentro da qual achou uma nota, com data de seis dias antes, em que Hobson lhe annunciava ter explorado toda a costa nordeste da ilha do rei Guilherme, sem achar vestigio algum dos navios que, segundo diziam os esquimaes, haviam encalhado alli; pelo que julgava não dever ir mais adiante. Porém, que n'uma pyramide do cabo Victoria (limite de Ross) tinha achado um escripto, que era, com effeito, o objecto das suas investigações, e o fim dos trabalhos da expedição.

Era uma das folhas impressas em seis linguas, que se imprimem para depois se escrever n'ellas a situação dos navios. Deitam-se ao mar, dentro de uma garrafa, a fim de que, arrastadas pelas correntes, cheguem a qualquer paiz, e sejam remettidas ao almirantado inglez. Eis o conteúdo n'esta folha:

«28 de maio de 1847. — *Os navios de S. M., Erebo e Terror, invernaram no gêlo aos* 70° 15' *de latitude N., e* 98° *de longitude O.*»

«*Passaram o inverno de* 1846-1847 *na ilha Bechey aos* 74° 43' 28'' *de latitude N.; e* 91° 39' 15'' *de longitude O., depois de haverem subido o canal Wellington até* 77 *grãos de latitude; e regressado pela costa occidental da ilha Cornwallis.*»

«*Sir John Franklin, commandante da expedição. Tudo bem.*»

«*O destacamento, composto de dois officiaes e seis homens, desembarcou dos navios segunda feira* 24 *de maio de* 1847. — *Guilherme Gore, tenente* — *Ghas F. des Vœux, segundo tenente.*»

Em volta da margem d'esta folha lia-se mais o seguinte:

«25 de abril de 1848. — *Os navios de S. M., Terror e Erebo, foram abandonados a* 22 *de abril, a* 5 *legoas N. N. O. d'este ponto, tendo estado cercados (pelos gelos) desde* 12 *de setembro de* 1846. *Os officiaes e as tripulações, que chegam a* 105 *pessoas, debaixo do commando do capitão Crozier, tomaram terra aqui entre os* 69° 37' 42'' *de latitude N. e* 98° 41' *de longitude O.*»

«*Sir John Franklin morreu a* 11 *de Junho de* 1847, *e a perda total que tem tido a expedição, até hoje, é de* 9 *officiaes e* 15 *praças.*

F. R. M. Crozier, capitão, e commandante por antiguidade. — *James Fitzjames, capitão do navio de S. M. o Erebo.*

Partem á manhã de 26 *para o rio de Back, abundante em pesca.*

Esta nota marginal era escripta pelo capitão Fitzjames, á excepção do postdata, que se refere á partida no dia seguinte para o rio de Back, que era do capitão Crozier.

[1] Antigamente costumavam os descobridores deixar, em diversas paragens, a noticia do que tinham passado, mettida em latas; depois entenderam que ficavam mais seguras dentro de uns marcos ou pyramides, que para esse fim levantam.

Observou, porém, Clintock um erro manifesto na epocha em que Franklin invernára na ilha de Beechey, que fôra evidentemente em 1845-46, posto que no mez de maio de 1847 os navios estavam detidos no estreito Victoria pelos gelos do segundo inverno que para elles acabava. Reconheceu tambem que até á primavera de 1847 o exito da expedição era tão satisfactorio como se desejava, porque das ultimas noticias de Franklin, com data de julho de 1845 na bahia Melville, se deduz que nos dois ou tres mezes que precederam a sua entrada na estancia de inverno, o *Erebo* e o *Terror* tinham effectuado a exploração do canal de Wellington e o da Rainha (que só se tornou a verificar em 1853 pela *Assistance* e o *Pionnier* debaixo do commando de sir Edward Belcher) e descoberto mais um estreito ainda ignorado dos europeus, entre a ilha Bathurst e a ilha Cornwallis, juntando por este meio aos mappas polares muitas centenas de milhas de ribeiras até então desconhecidas.

Outras noticias dava Hobson na sua nota, taes como que havia encontrado em volta do dito monumento levantado pelo capitão Ross, algum fato e outros objectos, como se os desventurados que acabavam de abandonar os navios, convencidos de que unicamente se tratava já de salvar a vida por meio de uma tentativa desesperada, se houvessem desfeito de tudo quanto lhes não era absolutamente indispensavel.

Influido por tão inesperadas noticias, Clintock continuou a sua marcha, posto lhe escaceassem os viveres, pelo que teve de mandar matar tres cães, aproveitando para o fogo a madeira do trenó que elles puxavam; continuando a pé pelo gelo compacto que se estendia ao longo da praia.

Eis como o audaz capitão inglez refere as suas ultimas explorações no litoral contiguo ás costas da ilha do rei Guilherme:

«A 29 de maio chegámos á extremidade sudueste da ilha. Mais além d'este pontal, a que dei o nome do bravo capitão Crozier, se eleva a costa em linha recta para o nordeste até ao cabo Felix. Nenhuma gruta de esquimaes haviamos encontrado desde o cabo Herschell. Os circulos de pedras cobertas de musgo que ás vezes viamos, eram indicio de acampamentos de longa data. Nenhum rasto de casa descobrimos. Ao longe appareciam em extremo agitados os gelos do mar, que em grandes moles, como rochas, estavam confusamente empilhadas.

Na madrugada seguinte chegámos a uma extensa bahia, na qual fomos encontrar um novo testimunho da fatal sorte nos nossos desgraçados companheiros: era um grande batel que descobrira e examinára Hobson alguns dias antes (segundo me annunciava em uma nota), mas sem haver encontrado n'elle documento algum.

Grande quantidade de fato que vimos disperso n'aquella embarcação nos alvoroçou a principio; porem em nenhuma peça achámos a marca ou distinctivo das pessoas a quem tinha pertencido. Desembaraçámos e limpámos da neve este barco, e não encontrámos nenhum objecto dos que procuravamos. Tinha o batel uns 8 metros e 70 centimetros de comprimento, e 2 metros e 31 centimetros de largura, e fôra evidentemente construido com o fim de subir o rio de Back. Todos os pormenores de seus aprestos, que eram completos, denunciavam o cuidado com que fôra construido. Calculei que teria de peso total perto de 370 kilogrammas, porém estava montado n'um trenó de extraordinaria resistencia, e de peso não inferior a 290 kilogrammas; o que tudo junto dava a somma de 660 kilogrammas. Era necessario pois a força de 8 homens vigorosos para o arrastar. Algumas palavras, por desgraça truncadas, que appareciam escriptas no costado, já sumidas, indicavam que este batel tinha sido construido em Wolwich, no mez de abril de 184...

A cem passos, proximamente, do lado de terra, achámos um tronco de abeto de 4 metros de comprimento e 34 centimetros de diametro: ainda que despojado da cortiça pela acção do gelo, estava todavia mui solido, e supponho que fôra alli arrojado pelo mar vinte ou trinta annos antes.

Sobresaltados ficámos, depois, á vista de dois esqueletos humanos ainda meio vestidos, que distinguimos um á prôa e outro á pôpa do batel. O primeiro era de um official ainda moço, talvez, mas de tal sorte mutilado, que nos foi impossivel, a Hobson e a mim, julgar se a morte o haveria colhido n'aquelle ponto, ou se fôra para alli arrastado pelos animaes carnivoros, os lobos de certo. Perto d'elle estavam umas botas de agua, e umas polainas forradas, de cujo bordado de matiz guardo amostra. Conservava porém a cinta de seda escarlate.

Envolto em pelles, e mais bem conservado, estava o outro esqueleto, que mostrava ser de homem de mais edade, e de constituição robusta: achámos-lhe ao lado cinco relogios, e encostadas á borda do batel duas espingardas de dois canos, cada um dos quaes tinha sua bala, e ambas estavam escorvadas e engatilhadas.

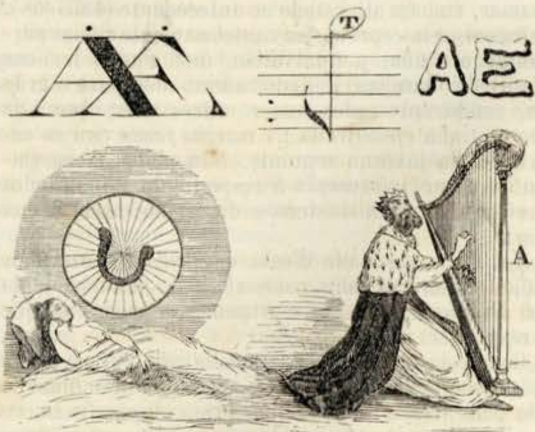
Com que interesse e minuciosidade não examinámos nós estes restos mortaes!, esperando descobrir nos fragmentos do vestuario alguma carteira, ou escripto, que nos désse a conhecer quem eram aquelles desventurados; porém apenas encontrámos cinco ou seis livros, a saber: biblias, livros de resa, e um exemplar do «Vigario de Wakefield». Na primeira pagina de um d'estes livros intitulado «Melodias Christãs» se lia a dedicatoria da pessoa que o havia offerecido a G. G. (Greham Gore, talvez). Uma das biblias, além de muitas notas marginaes, tinha varios logares sublinhados.

Misturados com abundante sortimento de roupa branca, appareciam varios objectos de toda a especie, como botas de caça, esponjas, pentes, cintas, talheres, chumbo, balas, cartuxos, pregos, agulhas, linhas, serras, limas, etc. etc.

Não podia deixar de admirar-nos esta accumulação de objectos pela maior parte inuteis n'uma retirada, porque o seu peso devia exhaurir as forças dos homens que puxassem pelo trenó.

(Continúa)

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente

Vae, meu livro, a Roma, não te levo a mal. — *Ovidio.*

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.